

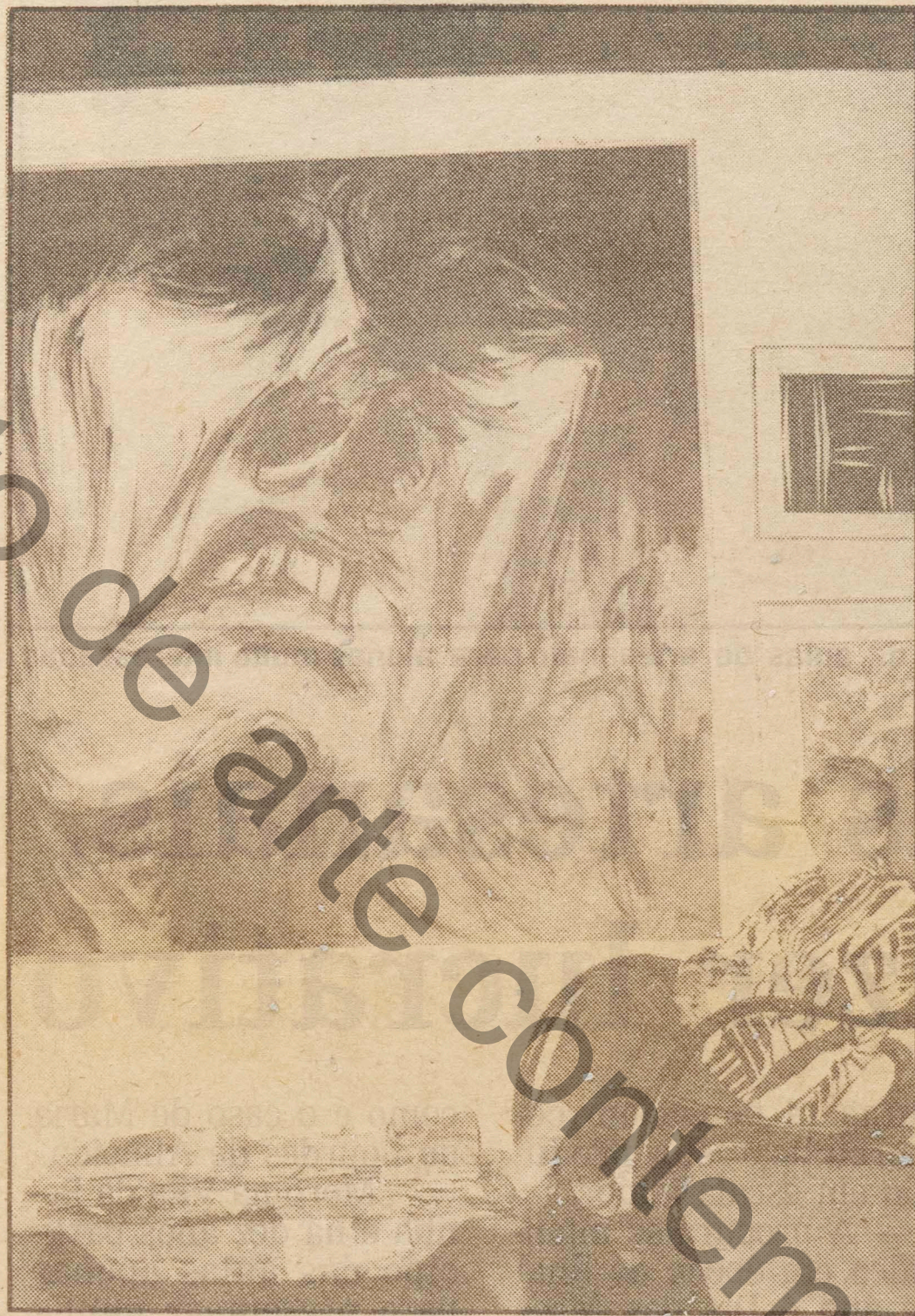
# Ivan Serpa tem sua arte e memória preservadas

MARCELA VIGO

Guardado em uma pequena casa numa rua-zinha tranqüila do Méier, está parte do acervo de um dos pioneiros, segundo os críticos, da arte concreta no Brasil: Ivan Serpa. Vivendo há 31 anos no bairro, dos quais 20 em companhia do artista, Lígia Serpa, viúva do pintor, luta com todas as forças para manter vivas a arte e memória de seu marido.

— Tudo o que for para divulgar a arte de Ivan, eu bato palma — afirma Lígia, que já tem em seus planos a criação de uma escolinha de pintura para crianças e a construção de um espaço destinado aos artistas que não tem seu próprio atelier.

Os quadros estão distribuídos por toda a casa, que atualmente encontra-se em reforma devido a um problema de infiltração e na parte elétrica. Lígia não tem noção de quantos traba-



Lígia Serpa mantém muitos quadros do artista em casa

lhos possui, mas dá certeza de que os únicos que não conseguiu recuperar são referentes, na sua opinião, a uma das

suas mais importantes fases: a concretista.

Três estilos fundamentais definem os quase 30 anos de atividade

de que se compôs o trabalho de Ivan Serpa como desenhista e pintor. Passada a fase inicial figurativa, em 1951, na qual entretanto, já ocorriam vez ou outra exemplos de evidente interesse pela abstração, o artista seguiu um caminho diversificado, que o levou do recurso quase matemático dos primeiros tempos a uma leveza expressionista e projetiva, entre 1960 e 1962. Mais tarde, voltou a uma nova figuração, com a violência da fase negra, em meados da década de 60.

A disciplina construtiva do início é retornada em sua última fase, de 1968 até o fim de sua vida em 1973, retratada nos desenhos sensuais em bico-de-pena, nas pinturas inflexíveis, nas relações cromáticas da fase geomântica e nas construções tridimensionais ilusionistas com módulos de madeira e espelho.

— As construções tridimensionais eram um projeto do Ivan. Ele só conseguiu realizar um trabalho que foi uma pequena arca. ss

## Lígia quer criar escolinha e um ateliê comunitário

Em seu projeto de obras tridimensionais, Ivan queria na verdade construir diversos móveis usando esta mesma técnica, explica Lígia, mostrando o interior de uma arca de madeira onde diversos módulos e espelhos foram montados como um verdadeiro mosaico.

O projeto de construção de uma escolinha de artes e a idealização de um espaço

para artistas que não têm o seu atelier veio da vontade do próprio artista antes de morrer. Segundo a viúva, Ivan Serpa desenvolveu a atividade de professor de arte no Museu de Arte Moderna e em sua casa de 1952 até sua morte. Aproveitando a sua experiência como professor, publica o livro "Crescimento e Criação", com texto de Mário Pedrosa e funda o grupo de arte Frente, que se mantém ati-

vo até 1956. Um dos seus maiores sonhos porém, era a construção de um espaço onde pudesse divulgar sua arte e passar seus ensinamentos.

Mesmo sendo apaixonada pelo Méier, bairro onde morou e criou seus seis filhos, três dos quais adotivos, Lígia afirma que não tem vontade de abrir o centro cultural no bairro. Segundo ela, o lugar não comporta

um movimento de arte.

— É difícil dar continuidade a um projeto de arte no subúrbio. As pessoas dos outros bairros não vão à Zona Norte ver arte e o público estrangeiro, maior comprador das obras, mora todo na Zona Sul da cidade. Muitas vezes, pessoas que vinham conhecer as obras de Ivan demoravam a vir por que achavam o Méier longe — confessa.